

AGRICULTURA E O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO NA VISÃO DOS CLÁSSICOS - Uma perspectiva histórica -

Alessandro Porporatti Arbage¹

1. Introdução

O estudo da evolução do pensamento econômico sempre traz implícito o desafio ao pesquisador em conseguir estabelecer as relações e principalmente as conexões entre o ontem e o hoje, objetivando compreender o passado, aprofundar o estudo do presente, mas fundamentalmente tentar antever os fenômenos que ocorrerão no futuro. Desta forma, superam-se as limitações impostas a este tipo de análise e avança-se no entendimento dos processos gerais que regem a ciência. Nesse sentido, o estudo do papel da agricultura no contexto do desenvolvimento econômico é significativo, pois o tema permanece presente nas discussões sobre a economia agrícola do final do século XX.

O corte analítico escolhido foi relativo às diferentes perspectivas de análise dos pensadores clássicos a respeito da agricultura. A abordagem não tem a pretensão de ser inovadora, objetiva tão somente resgatar algumas das principais contribuições teóricas de um respeitável grupo de economistas, avaliando a aplicabilidade destas ainda nos dias de hoje, compreendendo algumas relações de causa e efeito importantes no meio rural.

Contudo, deve ser ressaltado a necessidade de se ter presente que este tipo de estudo não pode ser efetivado descontextualizado do momento histórico em que as análises foram desenvolvidas. Esta é uma premissa básica para o entendimento e principalmente para a relativização de determinados posicionamentos, que a luz da realidade de hoje, pareceriam absolutamente ilógicos e inaplicáveis.

¹ Professor assistente do Departamento de Educação Agrícola e Extensão Rural e do Curso de Pós-Graduação em Extensão Rural da Universidade Federal de Santa Maria-RS. Mestre em Economia Rural pelo IEPE/UFRGS.

A discussão sobre o papel da agricultura no desenvolvimento econômico iniciou no século dezoito no âmbito da escola liberal, dividida em duas vertentes de pensamento ligadas pelo princípio do *laissez-faire*².

A escola francesa entendia ser o setor primário o grande responsável pela produção e conseqüentemente pela geração de valor. Segundo o entendimento fisiocrata³, a agricultura era o único setor capaz de gerar excedente econômico, pois a indústria apenas transforma *inputs* em *outputs*, e o comércio tem a principal função de interligar os setores da economia. Para os fisiocratas, cujo expoente foi François Quesnay (1694 - 1774), a verdadeira fonte de riqueza e valor era a agricultura e não o afluxo de metais preciosos conforme acreditavam os mercantilistas⁴.

Por outro lado, a escola inglesa entendia que as principais transformações que estavam ocorrendo na economia emanavam dos centros urbanos, principalmente a partir das inovações produtivas da indústria têxtil, no advento da máquina a vapor e na divisão e especialização do trabalho, ou seja, nos avanços tecnológicos provenientes ou trazidos a tona pela Revolução Industrial. Acrescentou a variável lucro⁵ no estudo econômico ampliando o conceito de excedente trabalhado pelos fisiocratas. A escola inglesa centrou seus estudos na formação do valor e na forma como a riqueza se distribui entre as classes sociais.

Dentre os principais economistas que trabalharam estas questões vamos destacar neste trabalho algumas das contribuições de (i) Adam Smith, (ii) David Ricardo, (iii) Thomas R. Malthus, (iv) John S. Mill e (v) Karl Marx.

Levando em conta este critério de classificação, Joan Robinson, agrupou estes pensadores sob a denominação de clássicos⁶, pois segundo ele “absorveram a concepção de um mecanismo econômico baseado em classes para fornecer uma análise da dinâmica de nossa sociedade industrial” (Robinson e Eatwell, 1978 :12).

² Expressão que retrata o pensamento defendido pela escola liberal.

³ Fisiocracia foi a denominação da escola francesa e significa governo da natureza, com o objetivo de destacar a importância do setor primário na produção de valor.

⁴ Corrente de pensamento econômico que perdurou desde o final do feudalismo, até meados do século XVIII, defendendo necessidade da busca de um estado forte, principalmente a partir do imperialismo das nações-mãe para com as colônias e através do comércio internacional.

⁵ Entende-se por lucro, a diferença positiva entre receitas totais e custos totais de produção.

Desta forma, utilizaremos a classificação de clássicos para os pesquisadores que trabalharam e se preocuparam em explicar como se processava a divisão do produto entre as classes sociais e as leis gerais que regulavam este comportamento.

2. Desenvolvimento

2.1. Adam Smith(1723 - 1790)

Para Smith, o crescimento econômico é o resultado da acumulação de capitais e do emprego de trabalho produtivo⁷. Tentou explicar as diferenças de produção e produtividade, esboçou noções sobre a teoria do valor, porém não chegou a uma conclusão teórica formal.

Contudo, concluiu que também fora da agricultura pode ocorrer a geração de trabalho produtivo, diferentemente do entendimento dos fisiocratas. Os principais aspectos do crescimento abordados por Smith foram: (i)na manufatura ocorre divisão do trabalho; (ii)na agricultura não é possível a divisão no trabalho, devido ao ciclo biológico das culturas. Essa diferença proporciona ganhos de produtividade no setor urbano, devido a possibilidade de especialização das tarefas; e (iii)restam na agricultura, trabalhadores menos técnicos e menos capacitados.

A consequência inevitável destes postulados seria de que no setor agrícola, seja por suas características estruturais, seja pelo nível técnico da mão-de-obra disponível (residual), a produtividade/homem seria menor que nos demais setores(produtividade marginal do fator trabalho na agricultura decrescente) o que impactaria negativamente a economia como um todo.

Portanto, dentro da perspectiva de Smith, a agricultura seria um setor que frearia o processo de crescimento econômico.

⁶ Já para Hicks e para Keynes, clássicos são aqueles que acreditavam na famosa lei de Say, a qual refuta a possibilidade de crises de superprodução e desemprego duradouras, em função da flexibilidade de preços e salários.

⁷ Smith utilizou este conceito para identificar as atividades que proporcionavam excedente econômico, ou seja, aquelas atividades que geravam uma produção final mensurada a partir de um preço de mercado superior aos seus custos de produção.

2.2. Thomas Robert Malthus(1766 - 1834)

Trabalhou questões relativas a produção e a produtividade agrícola, rentabilidade no processo de crescimento econômico, rendimento do trabalho e a evolução da população relativamente à produção. Apresentou uma controvertida teoria da evolução da população e das possibilidades correspondentes de crescimento do setor produtivo.

Malthus considerava que a população quando não submetida a algum tipo de controle cresceria a taxas geométricas, enquanto que a produção de alimentos cresceria no máximo a taxas aritméticas. Esta conclusão era devido à constatação que a produção agrícola estava sujeita à rendimentos marginais decrescentes, o que implicaria na falta de alimentos para grande parte da população mundial.

Obviamente que para Malthus, a sociedade deveria preocupar-se em controlar o aumento da população, preconizando principalmente dois tipos de ações; (i)os controles preventivos, e (ii)os controles positivos. Aqueles agiam no sentido de reduzir a taxa de natalidade, enquanto estes, no sentido de incrementar a taxa de mortalidade. O controle da natalidade e o apelo às questões morais e éticas faziam parte do “receituário malthusiano” para preventivamente, controlar o avanço populacional. A perspectiva de trabalho do autor era portanto de que os eventuais avanços tecnológicos não seriam suficientes para permitir ganhos significativos na produtividade agrícola o que impactaria negativamente a economia como um todo.

2.3. David Ricardo(1772 - 1823)

Utilizou o conceito de renda inicialmente desenvolvido por Malthus e estudou principalmente questões como valor, monopólio do trigo(produto básico da época) e principalmente, a questão da repartição do produto entre as classes. Formulou a primeira idéia sobre a renda da terra e elaborou uma teoria completa do valor e da

distribuição da riqueza⁸. A preocupação de Ricardo era com o comportamento da taxa de lucro no processo de acumulação do capital. Esta preocupação o impulsionou a examinar a agricultura mais pormenorizadamente, principalmente nos aspectos referentes a geração da renda da terra.

O entendimento era de que a crescente necessidade de alimentos obrigaria a utilização de terras mais afastadas dos centros urbanos, supostamente terras de qualidade inferior. Havia, desta forma, o pressuposto de que as concentrações urbanas ocorreriam a margem das terras de melhor qualidade e na medida que fossem ocorrendo incrementos populacionais, maior volume de alimentos teriam de ser produzidos, provindos crescentemente das terras mais distantes dos centros urbanos, implicando como consequência, na geração de renda nas terras de melhor qualidade.

Portanto, devido a terra ser o único fator de produção finito, estaria sempre sujeita a Lei dos Rendimentos Marginais Decrescentes⁹. Desta maneira, a função de produção Ricardiana estava sujeita a rendimentos decrescentes. A terra limitaria a taxa de lucro dos capitalistas pois elevaria os salários na margem extensiva, o que colocava a propriedade da terra como um empecilho ao crescimento econômico.

Ricardo dividiu a sociedade em três classes sociais: (i)capitalistas, detentores dos meios de produção; (ii)trabalhadores, detentores apenas do trabalho; e (iii)proprietários rurais, detentores do monopólio da terra e não produtores. Dentro deste contexto, a divisão do produto se configurava em (i)lucro para os capitalistas, (ii)renda para os proprietários rurais e (iii)salários para os trabalhadores. Os salários baseavam-se em um valor que permitia apenas a manutenção da família do trabalhador, o chamado salário de subsistência(determinado institucionalmente). A renda era obtida por uma relação técnica determinada pela existência de diversos graus de fertilidade da terra, reduzindo o produto total, caracterizando a parte líquida

⁸ Fundamentalmente o principal objeto de estudo dos clássicos.

⁹ Esta lei indica que a medida que se cultivassem terras de pior qualidade, maiores aportes de mão-de-obra e capital seriam necessários para produzir as mesmas quantidades relativas(percapita) de alimentos, o que caracteriza os rendimentos marginais decrescentes.

recebida pelos proprietários de terras. Desta forma, uma constatação importante é de que o lucro na visão ricardiana surge como um resíduo no sistema.

Ricardo entendia que a taxa de lucro da economia seria determinada pela taxa de lucro da agricultura, daí a importância do estudo da renda da terra que reduzia a taxa de lucro do sistema como um todo. Preços de trigo elevados reduziam a taxa de lucro geral da economia, por esse motivo, defendia a importação do cereal com o objetivo de redução dos preços internos e elevação da taxa de lucro geral da economia.

Em função de seus postulados Ricardo se posicionou ao lado dos capitalistas e contra os proprietários das terras¹⁰, mais precisamente, contra a renda advinda da propriedade fundiária.

Ricardo dividiu a economia em dois setores: (i) setor agrícola; e (ii) setor manufatureiro, sendo que a produção dependeria do volume de fatores de produção empregados e dos avanços tecnológicos no setor manufatureiro. Para Ricardo, o desenvolvimento técnico na agricultura, se ocorresse, seria sempre muito pequeno para proporcionar um grande efeito na produção.

No setor manufatureiro não havia o limite imposto pelas terras de pior qualidade, não obstante, o crescimento alcançado por este setor não atingiria magnitude suficiente para compensar os rendimentos decrescentes do setor dinâmico da atividade econômica, que em seu entendimento era a agricultura.

Nesse sentido, convém ressaltar a lógica do movimento em direção a um estado estacionário. Ricardo entendia que o crescimento populacional é decorrente da renda da população (pressuposto) e o nível salarial da economia está vinculado ao nível geral de emprego. Portanto, os salários aumentam em função da maior demanda por mão-de-obra que está vinculada a acumulação de capital por parte dos capitalistas. Desta maneira, a acumulação que se encontra na raiz do crescimento populacional vai se processando a medida que a taxa de retorno é adequada aos interesses capitalistas. Logo, o cultivo de terras menos férteis e mais distantes dos grandes centros consumidores, reduz a taxa de lucro dos capitalistas, implicando em

menores possibilidades de investimentos; e esse movimento de retração da atividade econômica é contínuo até o ponto de lucro mínimo¹¹, culminando na chegada ao estado estacionário.

2.4. John Stuart Mill(1806 - 1873)

Mill tinha uma visão mais otimista no que se refere a chegada ao estado estacionário, situação em que tanto o emprego como a população, bem como o produto nacional, param de crescer, e as taxas de lucro e de salário caem para o seu nível natural.

Segundo Smith, a economia tende ao estado estacionário devido a concorrência entre os empresários, reduzindo a taxa de lucro para o nível natural e eliminando a possibilidade da acumulação de capital. Já para Ricardo, o estado estacionário aproxima-se devido a ocorrência de rendimentos decrescentes na agricultura e pelo crescimento demográfico acentuado, com o que, também concorda Malthus, sendo que estas variáveis são incapazes de serem neutralizadas pelo progresso tecnológico.

Para Mill, no entanto, o ritmo do progresso técnico seria sempre superior ao do progresso demográfico, lembrando o autor que aperfeiçoamentos na produção, no comércio e nos serviços, decorrentes do uso mais habilidoso do capital conjunto, proporcionam novas oportunidades para aumentos da taxa de acumulação, bem como do produto nacional, trazendo benefícios tanto para trabalhadores quanto para capitalistas. Mill elaborou suas conjecturas sobre o impacto das inovações tecnológicas em relação a distribuição do produto entre as diferentes classes sociais¹².

Classificou as inovações tecnológicas em dois tipos; (i) inovações tipo I, que são poupadoras de trabalho e (ii) inovações tipo II, poupadoras de terra.

¹⁰ Classe estéril do ponto de vista da produção, segundo a perspectiva ricardiana.

¹¹ Que é uma situação em que o investimento, a demanda por mão-de-obra, e o lucro tornam-se constantes no tempo.

Supondo que ocorresse um aumento demográfico, com uma disponibilidade fixa de terras, Mill concordava com os postulados ricardianos de criação de renda nas terras mais férteis.

Caso ocorresse expansão do estoque de capital com população, tecnologia e disponibilidade de terras fixas, o entendimento era de que aumentaria a produtividade do trabalho¹², elevando o nível salarial, reduzindo as taxas de lucro, transferidas prioritariamente aos proprietários fundiários.

Supondo avanços tecnológicos com população e capital fixos, segundo Mill, ocorreria inicialmente uma redução nos preços dos alimentos, posteriormente uma redução dos salários nominais e um aumento dos lucros capitalistas. Mill conclui que os aperfeiçoamentos na agricultura seriam fundamentais pois evitariam a necessidade do cultivo de terras menos férteis, que reduziriam a taxa de lucro geral da economia. Com a ausência de inovações tecnológicas, à partir do crescimento demográfico, o custo de subsistência dos trabalhadores tenderia a se elevar e os lucros dos capitalistas a declinar, em função da renda da terra e dos salários a serem pagos aos trabalhadores. Desta forma, Mill considerava fundamental os avanços tecnológicos também no setor primário, pois de outra forma, os reflexos nos demais setores seriam bastante significativos em direção ao suposto estado estacionário.

2.5. Karl Marx(1818 - 1883)

Marx entendia que a sociedade através das mudanças tecnológicas, do direito de propriedade e dos conflitos ideológicos, avançaria de um sistema de comunismo primitivo, sistema escravil, período feudo-medieval, capitalismo industrial, para finalmente atingir ao socialismo como regime econômico dominante¹⁴.

Utilizou os conceitos de renda e os princípios de estratificação social desenvolvidos por Ricardo. Para Marx, o estudo da renda da terra se justificava pelo

¹² Mill dividiu a sociedade em capitalistas, trabalhadores e proprietários de terras, assim como Ricardo e Smith.

¹³ Pressuposto marxista, em função do aumento da composição orgânica do capital.

¹⁴ Sequência de evolução denominada de materialismo histórico.

fato de possibilitar o exame das relações específicas de produção e circulação oriundas da aplicação de capital na agricultura, sendo que, considerava o crescimento da produtividade agrícola uma pré-condição para a emergência do capitalismo industrial, admitindo contudo, a existência de retornos crescentes de escala tanto no setor industrial quanto no setor agrícola.

A agricultura era vista como um dos setores da economia e não o centro da mesma, não obstante, atribui ao setor primário um papel bastante importante no sistema.

Marx diferencia valor de renda. Segundo ele, os preços oscilam em torno dos valores, sendo que entendia que o que produz valor é o trabalho social. Introduziu em sua análise da questão da repartição do produto o conceito de mais valia¹⁵. Entende o autor que renda, juros e lucro, são diferentes formas de apropriação do trabalho pelo capital, configurando diferentes formas de mais valias.

Com relação a terra, postulava que o valor da mesma não reflete o seu preço em si, mas o da renda que ela proporciona. Marx distinguiu os diferentes processos de geração de renda, sendo que diferenciou a renda da terra das outras formas, pois as demais são derivadas de elevações de preço advindas de monopólios, enquanto que, a da terra é que determina que os preços agrícolas sejam elevados, reduzindo a taxa de lucro do sistema.

Trabalhou conceitos relativos a 3 tipos de renda da terra: (i)renda absoluta, advinda mesmo da terra de pior qualidade; (ii)renda diferencial tipo I, proveniente das diferentes dotações naturais das terras e (iii)renda diferencial tipo II, derivada dos acréscimos de capital investidos à terra.

Os principais fatores que afetam a taxa de lucro capitalista: (i)mais valia relativa(progresso técnico); (ii)redução do valor absoluto do trabalho; (iii)superpopulação relativa(aumento de exército industrial de reserva);

¹⁵ Que significa a apropriação do excedente produzido dos trabalhadores pelos capitalistas. A mais valia se configura na diferença entre o que o trabalhador produz, equivalente ao seu salário de subsistência, e a produção total diária do trabalhador.

(iv) velocidade de rotação do capital; (v) mais valia absoluta (prolongamento da jornada de trabalho); e (vi) barateamento do capital constante.

As principais barreiras ao desenvolvimento capitalista na agricultura na visão do autor seriam: (i) tempo de circulação do capital; (ii) tempos de trabalho e tempos de produção; e (iii) dificuldades do setor agrícola em reduzir os tempos de produção, a partir das inovações tecnológicas.

Desta forma, frente a estas dificuldades impostas pelo processo produtivo no setor agrícola, as inovações técnicas tendem a ser de natureza: (i) mecânicas, que afetam o ritmo e a jornada de trabalho; (ii) físico-químicas, que afetam a produtividade; e (iii) biológicas, Potencializadoras das inovações anteriores, com o objetivo de diminuir o tempo de circulação do capital na agricultura (variedades precoces, melhoramento genético, etc...).

Na perspectiva Marxista, o progresso técnico é visto como uma forma do capital superar o monopólio da natureza, ou seja, o avanço tecnológico é tido como uma expansão capitalista sobre o processo de produção e trabalho. A intensificação tecnológica foi uma forma dos capitalistas não necessitarem expandir sua produção para terras mais distantes, enfrentando o pagamento da renda da terra. Este processo tende a fazer com que no longo prazo o percentual da renda implícita no preço do produto agrícola seja cada vez menor. Portanto, o progresso técnico é visto como uma forma de superar o monopólio da propriedade privada. Esta constatação fez com que Marx concluísse que os fatores naturais tenderão a diminuir sua importância, pois o “don natural” da produção primária tende a ser substituído pelos avanços tecnológicos. A tecnologia retira os atributos produtivos naturais, fazendo com que o capital se aproprie da virtude produtiva da terra.

3. Conclusão

O primeiro ponto importante a ser destacado nesta breve retomada relacional das contribuições teóricas dos clássicos foi a percepção de Smith de que haveria, a partir do processo de crescimento econômico, uma tendência de intensificação de fluxos migratórios no sentido campo-cidade, transformando o espaço rural no longo prazo em um espaço econômico-populacional absolutamente residual.

Efetivamente, quantificando o percentual da população economicamente ativa (PEA) remanescente no meio rural nos países desenvolvidos, constata-se que a proposição de Smith em parte se materializou, pois dificilmente este percentual ultrapassa 5% do total da PEA, tanto nos países europeus quanto nos Estados Unidos. Smith trabalhou fundamentalmente com o conceito de agricultor do ponto de vista produtivo. No entanto, recentemente tem-se trabalhado com o conceito mais abrangente do rural relativamente ao agricultor¹⁶.

Esta tendência se consolida na medida que aumenta a magnitude dos problemas enfrentados pela “sociedade urbana moderna ou pós industrial”, pois a dificuldade na resolução de questões ligadas ao emprego, habitação, saneamento básico, violência urbana, entre outras, tem sido dramáticas. Desta forma, o rural começa a ser estudado como um espaço geo-sócio-econômico, onde as pessoas moram, usufruem de lazer e trabalham nas mais diversas atividades, ligadas ou não diretamente ao meio rural. A idéia do *part-time farmer*, em que o indivíduo mora na zona rural mas que não obtém rendas exclusivamente destas atividades se consolida crescentemente, principalmente nos países desenvolvidos.

No entanto, mesmo ao nível de Brasil, algumas pesquisas preliminares tem demonstrado que esta tendência parece ser consistente. Sem dúvida que esta constatação reveste-se de importância significativa para o entendimento e a compreensão do que se está convencendo chamar de o *novo rural brasileiro*.

¹⁶ Ver a respeito:

MENENDEZ, Luiz S. (1985) Tendências recientes en las zonas rurales: de la industrialización a los servicios. Agricultura y Sociedad, Madrid n. 36-37.

Ainda com relação às contribuições de Smith, ele supôs que restariam na agricultura os trabalhadores menos capacitados. Na realidade restam na agricultura os proprietários rurais¹⁷ familiares que utilizando-se das vantagens produtivas advindas das inovações tecnológicas tem produzido volumes cada vez maiores de produtos agrícolas. Há também a classe de empresários rurais que ramificaram seus investimentos em diversos ramos de atividades, encarando os empreendimentos agropecuários como uma das alternativas econômicas existentes, bem como, os trabalhadores rurais em suas mais diversas classificações.

Com relação a Malthus e Ricardo, eles não atribuíram às inovações tecnológicas grande potencial de transformação produtivo no setor primário, pois ambos trabalharam na perspectiva da existência de uma função de produção com rendimentos decrescentes de escala. Ricardo supunha que a terra era o único fator de produção finito, implicando conseqüentemente em rendimentos marginais decrescentes para o setor. Na prática, porém, todos os fatores de produção acham-se limitados em maior ou menor grau, o que neutraliza ao menos parcialmente, a chegada ao estado estacionário motivado eminentemente pelos rendimentos decrescentes do setor primário.

Mill não concordava na chegada ao estado estacionário devido aos pressupostos ricardianos, no entanto, convergiam na questão da importância fundamental do processo de inovações tecnológicas no meio rural, destacando e realçando a importância da variável investimento no processo de crescimento e desenvolvimento econômico. Nesse sentido, Mill parece ter sido algo mais realista, antevendo o potencial produtivo decorrente do processo de inovações tecnológicas.

Com referência a Marx, podemos resgatar entre outros aspectos sua contribuição a respeito dos conflitos permanentes entre as classes sociais, trazendo ao debate os conflitos agrários hoje existentes, notadamente pela posse e uso da terra. A nível local, a luta dos sem terra e dos proprietários rurais tem se

GRAZZIANO da Silva, J.(1996) A nova dinâmica da agricultura brasileira, Campinas, Instituto de Economia, UNICAMP, 217 p.

¹⁷ Nos países desenvolvidos as propriedades rurais são basicamente familiares, contando com pouca mão-de-obra contratada.

51
caracterizado como um movimento que transcende em muito aos aspectos econômicos, direcionando-se na linha da sociologia política¹⁸, trazendo novamente ao debate as antigas porém sempre presentes contribuições deste célebre economista.

O papel do progresso técnico na visão marxista também é uma contribuição importante ao pensamento econômico, na medida em que a agricultura ao longo do processo de modernização e industrialização ao qual foi submetida foi paulatinamente perdendo a dinâmica do sistema econômico, sendo que, hoje, as demandas urbanas e agroindustriais são determinantes em termos dos produtos a serem produzidos bem como das suas características qualitativas. Este processo caracteriza, portanto, a perda da regulação setorial e uma situação de dependência em relação aos demais setores da economia. Desta forma, de um lado os produtores rurais acham-se comprimidos pela chamada "tesoura de preços"¹⁹ do mercado vendedor e comprador, que impõem preços, características qualitativas e escalas produtivas, enquanto que as demandas urbanas, sinalizam os tipos e também as características dos produtos a serem produzidos. A compreensão destes fenômenos é fundamental para o entendimento dos princípios que hoje estão orientando o processo de produção dos produtos, bem como as relações de produção no meio rural.

Um aspecto importante a destacar da contribuição de Ricardo e mesmo de Marx é a preocupação com a existência de uma taxa de lucro média na economia, que de alguma forma, orienta os empresários no sentido de incrementar ou não seus investimentos.

Ricardo entendia que a taxa geral de lucro era definida pela rentabilidade do setor primário e se ramificaria para os demais setores da economia. Na realidade, verifica-se que existe uma taxa geral média de lucro ao redor da qual gravitam as rentabilidades e lucratividades das atividades econômicas, sendo portanto esta uma

¹⁸ Além dos aspectos econômicos implícitos na disputa pela posse da terra, há como instâncias organizadas das disputas de um lado, o Movimento dos Sem Terra(MST) e do outro lado, a União Democrática Ruralista(UDR), que defende os interesses dos proprietários rurais.

contribuição bastante importante para a compreensão da lógica da economia de mercado.

Marx entendia que os preços gravitavam em torno dos valores, então parafraseando a idéia do autor e reunindo a contribuição de Ricardo, podemos dizer que a rentabilidade das atividades econômicas, hoje, oscilam em torno de uma taxa média geral da atividade econômica. Nesse sentido, quando um setor ou segmento econômico apresenta uma taxa de retorno em relação ao capital investido significativamente abaixo desta taxa referencial, ocorre inevitavelmente uma fuga de capitais desta atividade pois este segmento passa a ser encarado como não remunerador do capital pelos empresários capitalistas. Este processo, de alguma forma está sendo verificado no setor primário brasileiro, sendo uma das grandes preocupações dos economistas rurais. Desta forma, tenderiam a restar na agricultura no médio e longo prazo apenas os proprietários rurais familiares que não possuem outras alternativas de produção.

O impacto da aceitação desta hipótese é importante na medida que políticas públicas compensatórias sempre seriam necessárias para minimizar as consequências dos desajustes dos mercados agropecuários. Nesse sentido, a perda da regulação setorial, a deterioração das relações de troca da agricultura com relação à indústria, o estudo da nova ruralidade brasileira e a busca da auto-sustentabilidade do setor, talvez sejam os principais focos de atenção dos pesquisadores que estudam hoje o setor primário brasileiro.

¹⁹ O produtor rural encontra-se entre indústrias fortemente oligopolizadas a montante, e enfrenta uma estrutura compradora oligopsonista a jusante.

4. Bibliografia

MARX, K. **Teorias da mais valia: uma crítica ao pensamento econômico**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

MILL, J.S. **Princípios de economia política: com algumas de suas aplicações à filosofia social**. São Paulo: Cultural, 1983.

RICARDO, D. **Princípios de economia, política e tributação**. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

ROBINSON, J. & EATWELL, J. **Introdução à economia**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

SMITH, A. **A riqueza das nações**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

SHERMAN, H. J. & HUNT, E.K. **História do pensamento econômico**. Petrópolis: Vozes, 1977.

SOUZA, NALI de.(coord.) **Introdução à economia**. São Paulo: Atlas, 1996.